

Por trás dos números, um Brasil solidário

Mais de 10% dos eletrodomésticos nos lares foram doados, trocados ou achados

Marcos Tristão

• Pela primeira vez nas pesquisas sobre orçamento, o IBGE investigou as despesas não-monetárias (que não envolvem dinheiro): trocas, doações ou coletas. Os números revelam um Brasil generoso. Mais de 10% dos eletrodomésticos que foram parar nos lares não envolveram um tostão. Nas roupas de crianças, 11,68% vêm sem o uso de dinheiro.

O economista Sérgio Besserman, ex-presidente do IBGE e hoje no Instituto Pereira Passos (IPP), afirma que essa é uma face positiva da sociedade brasileira que talvez não exista em outros países.

— Os carros usados são vendidos. Mas quem de nós já não doou um eletrodoméstico?

O aposentado Levely de Oliveira não pensou duas vezes quando viu no lixo uma mesa de jantar de madeira e duas cadeiras. Levou para casa, lixou e envernizou a mesa, consertou as cadeiras e completou a decoração de sua cozinha.

— É uma madeira de boa qualidade. Quem jogou uma mesa dessas fora só pode ser maluco — conta.

Nas despesas com mobiliário e artigos do lar, as transações não-monetárias representam 8,49% do total.

A solidariedade é o outro lado da



LEVELY DE OLIVEIRA com sua mesa e cadeiras encontradas no lixo

carência de recursos e da insatisfação com as condições precárias de vida. No Rio de Janeiro, por exemplo, um em cada cinco entrevistados disseram que é normal faltar alimentos em casa e dois terços declararam que não costumam comer o que desejam. O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), enxerga nessa insatisfação, que nem de longe pode ser comparada à fome nordestina, a

fagulha que fez nascer no estado campanhas como o Natal sem Fome.

Ele lembra que o Rio tem mais de 800 comitês da Ação da Cidadania contra a Fome e pela Vida, lançado nos anos 90 pelo sociólogo Herbert de Souza:

— Não foi à toa que campanhas desse tipo prosperaram no Rio. As pessoas se sentem decadentes, insatisfeitas, porque o estado vem perdendo espaço seguidamente, desde os anos 60. (FO. e LR.).